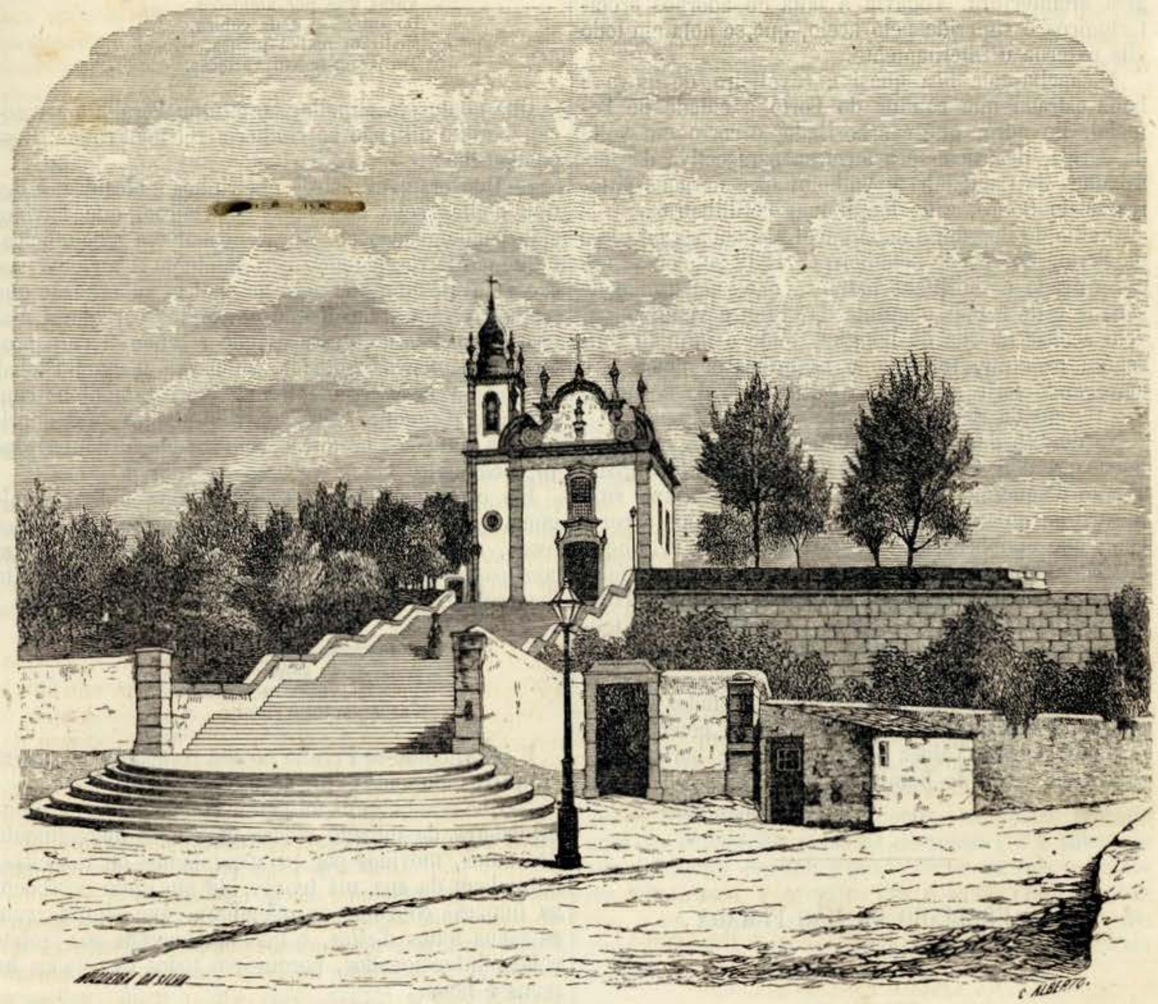
# PORTO



Egreja do Senhor Jesus do Bomfim — Desenho de Nogueira da Silva

Na segunda metade do seculo passado resolveram alguns fieis da cidade do Porto edificar uma ermida dedicada ao Senhor Jesus do Bomfim. Escolheram para esta fundação um sitio elevado, e de dilatadas vistas, fóra da cidade para o lado do oriente. Era então logar ermo, e por esta e outras condições appropriado á devoção e ás romagens.

A cidade do Porto no seu continuado crescer rebentou a cinta de muros com que a cingira el-rei D. Affonso IV, e tanto se estendeu que lá se foi juntar com a ermida do Senhor Jesus do Bomfim. Com este augmento de povoação a parochia de Santo Ildefonso, que abrangia todos os moradores da parte do nascente, mal podia acudir ás necessidades espirituaes de tão avultado numero de freguezes, espalhados por tão extensa área. Tornando-se portanto indispensavel a creação de uma nova parochia, foi esta erecta n'aquella ermida, que pela grandeza com que fôra edificada offerecia as commodidades requeridas.

Ao principio este novo bairro era composto, com raras excepções, de humildes casas habitadas na maior parte por fabricantes. Era por conseguinte um bairro pobre, pois que n'essa epocha a industria fabril não vivia no Porto vida prospera e folgada.

Succederam-se porém os annos, e os tempos mudáram. Plantou-se e enraizou-se a liberdade em Portugal. Á sua sombra protectora animaram-se e desenvolvêram-se as industrias creadas, e nasceram e prosperaram outras. A industria fabril levantou-se da extrema decadencia a que chegára. Favorecida por leis protectoras, e auxiliada pelos capitaes vindos annualmente do Brasil, em retorno da nossa exportação de trabalho, levou a todo o reino o seu benefico influxo.

O Porto, que em todas as eras da monarchia foi a terra mais industrial do paiz, tornou-se, por assim dizer, uma fabrica immensa. O seu bairro oriental transformou-se então completamente. Os grandes emprezarios construiram bonitos predios para sua residencia. Varios capitalistas edificaram casas confortaveis, e de architectura regular, para habitação dos operarios. A camara municipal alindou as ruas, que se povoaram de estabelecimentos commerciaes, além dos fabris, que se multiplicaram. Finalmente a civilisação e a prosperidade foram-se estampando tanto nos edificios, como nos costumes, no trato, no vestuario, e nos confortos da classe operaria.

A larga e extensa rua do Bomfim é hoje uma das melhores da cidade do Porto. No topo, formando-lhe o fundo, que ainda ha pouco era o ultimo limite da cidade para aquelle lado do oriente, ergue-se a egreja

parochial do Senhor Jesus do Bomfim. Sobe-se para o adro, que é muito elevado sobre o pavimento da rua, por uma escadaria de pedra bastantemente ampla e comprida.

O templo, que para simples ermida se podia chamar grandioso, é de modestas proporções e de singela architectura. Todavia a falta de adornos architectonicos é supprida pelo aceio, que se nota em todo elle externa e internamente.

A capella-mór fica quasi a cavalleiro da nova e bella estrada que conduz do Porto á cidade de Penafiel. Do adro, que é arborisado, e corre em volta da egreja, desfructa-se a formosa perspectiva dos arrabaldes de Campanhã e Valbom, das margens pittorescas do Douro, e de longinquas cordilheiras.

O sitio do Bomfim é memoravel nos annaes do cerco do Porto. Em 29 de setembro de 1832 pelejou-se ahi encarniçada e mortifera batalha, que, alastrando de sangue e de ruinas a quinta da China e visinhanças, veiu acabar na rua do Bomfim, onde o inimigo conseguiu penetrar, transpondo as linhas de defensa, e ameaçando ferir no coração a liberdade de Portugal, e o throno da rainha D. Maria II.

No dia 25 de julho de 1834, em que o marechal Bourmont deu ao Porto o mais violento e obstinado assalto d'aquelle longo assedio, foi este mesmo sitio theatro de uma das maiores acções de valor e coragem, que ennobrecem a carreira militar do sr. duque de Saldanha, quando á frente do seu estado maior carregou e rechaçou o inimigo, que invadíra a cidade, procurando no fim da tarde, em desesperada tentativa, vingar-se do destroço que experimentára durante a outra parte do dia.

Foi em remuneração de serviços prestados no primeiro d'estes dois combates, que o sr. general José Lucio Travassos Valdez teve o titulo de barão e depois o de conde do Bomfim.

I. DE VILHENA BARBOSA.

---

## O FRADINHO DA MÃO FURADA

### NOVELLA DIABOLICA

(Vid. pag. 12)

### III

Chegado Peralta com o diabinho á porta do inferno, viu que grande tropel de gente, correndo para elle, lhe preteria a entrada; e admirado de ver tão grande alvoroço para tão triste habitação, perguntou ao endiabrado companheiro que gente era aquella? Ao que lhe respondeu:

— Que eram uns condemnados por miseraveis, que não souberam na vida que coisa era dar esmola, nem fazer boa obra, nem tão pouco ser senhores do que tinham; os quaes havendo passado a vida em tanta abstinencia, como lhes representava a sua ignorancia, a haviam de ter menos penosa no inferno; e por esse respeito vinham com tanta pressa a tomar logar cuidando que furtavam bogas.

Admirado ficou Peralta da brutalidade de tal gente, e entrando (a seu parecer) pela bocca da infernal gruta, o aturdiram e assombraram alguns horrendos latidos do cão Cerbéro, a quem o diabinho assobiando socegou, dizendo-lhe que eram amigos.

Passaram adiante. No primeiro aposento viu Peralta muitos homens em pé arrimados a varas de justiça, e detraz d'elles outros tantos escrevendo processos, e um grande numero de demonios espancando-os com varejões tão compridos que alcançavam a todos. Os que tinham as varas clamavam aos escrivães, que da parte del-rei notificassem aquelles perversos maldictos para autos de resistencia, porque os desacatos feitos a ministros e officiaes del-rei, eram dignos de um asperissimo castigo. E n'isto persistiam de continuo, e quanto elles mais gritavam, mais lhes davam, dizendo:

> Varas que por ambições
> Do interesse e da cobiça,
> Mediram mal a justiça,
> Tornaram-se em varejões.

Que gente era aquella, perguntou Peralta a seu socio, porque alli não se conhecia rei nem roque. Respondeu-lhe:

— Que eram ministros, meirinhos e alcaides, e detraz d'elles seus escrivães e porteiros, que haviam sido condemnados por obrarem mal em seus officios, e que por haverem sido instrumento da sua condemnação pela má administração da justiça, subornação que n'ella tiveram, respeitos e empenhos por que a mal usaram, peitas e interesses que receberam para proferirem sentenças injustas, se usava n'aquelle logar do poder e jurisdicção infernal, atormentando-os com pancadas d'aquelles varejões, sem attenção a requerimentos, autos, ou protestos, sem appellação nem aggravo, nem outro algum recurso superior.

Em outra estancia se representaram a Peralta algumas pessoas graves, sentadas em tribunaes asquerosos, a quem muitos espiritos malignos defumavam com papeis queimados, e abrazando-os com fogo lento lhes diziam:

> O interesse e o respeito
> A tal pena causa deram,
> Pois na vida vos fizeram
> Fazer do torto direito.

E informando-se Peralta do seu companheiro, quem eram os defumados, lhe disse:

— Que eram alguns ministros condemnados por confirmadores de julgado contra direito, e merecimento dos autos, movidos por paixões, peitas ou respeitos, e tambem da sua má tenção, de que tudo procedem as fumaças com que os offendiam, que significavam os maus feitos d'ellas, o que não succede aos probos e bem intencionados, porque em todos os estados ha maus e bons.

Em outra parte viu Peralta, alguns com alguma auctoridade, e ao redor d'elles muitos demonios atordoando-lhes os ouvidos com disformes buzinas, dizendo-lhes, de quando em quando, o seguinte quarteto:

> Ouvidos que ouvir no mundo
> Não quizeram pretendentes,
> No inferno as tristes buzinas
> Ouvirão eternamente.

Perguntando Peralta a seu familiar quem eram aquelles. Respondeu:

— Que eram ministros occultos ás partes, que fechavam as portas e cerravam os ouvidos, fazendo dos pleiteantes aves baldias, das chancellarias a era onde se põe o cevo para enganal-as, do juiz a rede, e dos advogados e ministros os caçadores, e por mal obrarem caçaram os tormentos que estavam padecendo.

Admirado ficou Peralta de ver tal espectaculo, e não se podia persuadir que fosse verdadeiro, mas outra illusão phantastica, simillhante á da fingida ponte, porque se lhe não accommodava á boa razão que houvesse sujeitos de juizo, e catholicos romanos taes, que com conhecimento do bem e do mal, dessem occasião a commetter taes aggravos a Deus, que os sujeitou áquellas penas infernaes sem remedio; quando no mesmo districto se lhe representaram outras figuras, folheando grandes livros, os quaes lhes arrebatavam da mão alguns demonios, e com elles

lhes davam muita pancada, dizendo-lhes, de quando em quando, os epigrammas seguintes:

Folheae sem descançar
Os textos com desprazeres,
Que vossos maus procederes
Vos fizeram condemnar
Aos tratos da infernal ira,
Pois fizestes, com maldade,
Ou da mentira verdade,
Ou da verdade mentira.

Perguntou Peralta ao diabinho companheiro quem eram aquelles? Respondeu-lhe:

—Que eram advogados constituidos em trapaças, inzonas e affectações, que por terem das partes interesses e dadivas, com esportulas excessivas ao merecimento do seu trabalho, fulminavam requerimentos chimericos, a fim de atropellar e inquietar a justiça, limitando as leis, dirigindo-as com diversos sentidos, trazendo auctoridades, e fingindo-as apparentes ao acaso; inculcando-se por discretos, doutos e verdadeiros, sendo intranhavelmente enganadores, vãos e mentirosos; e por isso eram com os mesmos livros espancados dos demonios e condemnados a eternas penas.

A estes se seguia outro conclave de gente muito esfarrapada, rôta e sordida, uns muito pensativos e cuidadosos, outros mordendo nas unhas, alguns dando palmadas na testa, fazendo acções como doidos, e juntos a elles alguns demonios dizendo-lhes os seguintes versos:

Prodigos, que dispendendo
Tanto oiro e tanta prata,
Tantos rubins e diamantes,
Tantas perlas e esmeraldas,
Encarecendo bellezas
Que se hão de tornar em nada
É penar; no fim da vida
Tivestes uma mortalha!

Informando-se Peralta do fradinho das mãos rôtas, que gente era aquella, lhe respondeu:

—Que eram poetas que se condemnaram por darem epithetos ás bellezas humanas, chamando-lhes divinas, angelicas, idolatradas e soberanas, com outras similhantes loucuras, que por mais que se quizeram desculpar, dizendo que eram ornato e exaltação da poesia as hyperboles d'aquellas lisonjas, lhes não foi acceita a descarga.

Aquelles (continuou o fradinho) que alli vês pensativos, estão desatinados, buscando conceitos e rimas para um certame poetico que Platão ordenou sobre o roubo de Proserpina; e os que vês batendo na testa e mordendo as unhas, estão buscando conceitos para os versos que tem já começados, e o premio que por elles hão de receber são os tormentos dobrados que padecem; pois não sei que antipathia tem a fortuna com a pobreza, que tão pouco favorecida é d'ella no mundo, sendo tão applaudida n'elle; nem que implicancia tem a poesia com a pobreza e miseria, que não houve poeta, por mais insigne que fosse, que não acabasse infeliz e miseravel. Por isso está n'aquelle canto Ovidio sendo açoitado de seu pae por fazer versos, e elle promettendo em verso de se emendar, porque é tal a doença da poesia, que por mais que procurem os genios, que a professam, deixal-a, se não podem livrar d'ella!

Não tinha o diabinho acabado as referidas razões, quando Peralta olhou e viu muitos cavalleiros vestidos de capa e volta, sem espadas, com anneis de bispo, e luvas fechadas nas mãos, virem fugindo de grande multidão de gente que os seguia dizendo-lhes:

—Esperae, infames algozes, verdugos da morte, que vós pagareis aqui as erradas medicinas que nos applicastes, sem mais conhecimento ou razão das queixas, que as aéreas que voluntariamente arbitrava o vosso asnatico entender, sem cessardes com o sangue das veias de nossos corpos, nem com as beberagens das boticas, sem serem adequadas ás queixas nem os leites, frangos, bichas, e ultimamente, senão morremos de garrote, banhos e fóra da terra; extorquindo-nos o cabedal, tanto do corpo como da fazenda, e o peior foi, estando nós morrendo, dizerdes, que escapavamos da morte; motivo porque nos descuidámos da nossa salvação, pelo que vós, malditos, fostes o instrumento de virmos aqui com este epigramma:

E assim com razão pagaes
Com pena e rigor tão forte,
Serdes na vida e na morte
Gadanhas universaes.

Seguiram tambem a estes carniceiros de gente humana, dois tumultos de outros taes, um atirando-lhes com redomas, almofarizes e espatulas; outro com malvas, violas e jogos de gamão, dizendo-lhes os primeiros:

—Aqui, falsos Galenos, nos havemos de vingar de serdes a causa da nossa perdição com a prodigalidade de vossos récipes, sendo egualmente interessados com os boticarios. Os segundos clamavam arguindo-lhes a culpa das innumeraveis execuções de sangrias e sarjas.

Não ignorou Peralta que os cavalleiros eram medicos, e os das redomas e guitarrinhas boticarios e barbeiros; por isso não perguntou ao diabinho quem eram, attendendo só a ver em que parava aquella revolta, que foi chegarem todos aos doutores, e depois de os derribarem das mulas em que montavam, e os arrastarem por largo espaço, os boticarios lhes deram asquerosas beberagens, e os barbeiros muitas sangrias com lancetas abrazadas em fogo.

Occupado estava Peralta na representação d'este objecto, quando advertiu n'outro de grande tropel de gente, uns com sovellas e tisoiras nas mãos, fazendo uma barafunda de todos os demonios; e a causa da sua differença era sobre quaes foram na vida os maiores mentirosos, e como os das sovellas eram sapateiros, e os das tisoiras alfaiates, não se resolveu. Alguns demonios, que os acompanhavam, determinaram a questão, dizendo-lhes:

D'estes, por ser singular
O mentir por seu prazer,
Podêmos nós aprender
A mentir e a enganar.

Logo nas costas d'estes viu Peralta que vinham outros muitos, e atraz d'elles outros tantos demonios, que os traziam de rastos a lançal-os n'um lago d'agua sordida, fedorenta e turva, para que bebessem n'elle a que tinham deitado nos vinhos que venderam, por serem taverneiros. Elles gritavam que os não lançassem, que não mereciam tão grande castigo por baptisarem o vinho e o fazerem christão. Os demonios, em paga de tão boa obra, como era o serem missionarios baptisantes, lhes diziam:

Recebei na eternidade,
Velhacos de infame ser,
D'essa agua mais quantidade
Que a que fizestes beber
Aos homens contra vontade.

Estava Peralta admirado, considerando como se pagavam no inferno as maldades que se faziam no mundo, quando viu saír de uma sala, ou gabinete, muitas mulheres enfeitadas e bezuntadas, olhando para o seio, a ver se ía bem puxado, e para os pés se brilhavam e as meias appareciam, influindo gravidade, e cirandando-se todas, foram-se chegando para as outras que já lá estavam; e mandando-as retirar para tomarem melhor logar, não lhes quizeram as outras obe-

decer, supposto estivessem mais despreziveis; e sobre o *tire-se para lá, vá para acolá, não quero*, e *olhe áquella*, houve tal reboliço no inferno, que nem os diabos paravam! Engadelharam-se umas nas outras, e tudo ardia em tal fogo e alaridos que atroava os infernos. Alguns demonios lhes diziam:

Porque não andem galantes
N'esta infernal officina,
A todas as circunstantes
Manda queimar Proserpina
Os monhos e guarda-infantes.

Sorrindo-se Peralta de ver similhante barafunda, perguntou ao seu fradinho, quem eram as duas mulheres que vira como senhoras mandar queimar ás outras os monhos e guarda-infantes. Respondeu-lhe o diabinho: Que eram Eurydice e Proserpina, que os poetas fingiram sêr roubadas pelo principe infernal; falso testimunho que lhe levantaram, pois até os demonios no inferno não estão livres d'elles, e a verdade era, que ellas pelas suas obras, e por seus pés foram para lá, que ninguem as foi buscar.

Não tinha bem o diabinho acabado de referir estas palavras, quando Peralta viu n'outra parte muitas pessoas cobertas de asperos cilicios, macilentas e fracas, ajoelhadas defronte de um demonio, que estava sentado em throno de fogo, o qual ardia sem dar luz, e coroado de negro fumo. Assombrado Peralta de tal visão, perguntou a seu companheiro, que gente era aquella?

— Que eram (respondeu) martyres do diabo, que no mundo chamam hypocritas, os quaes com as contas na mão fingiam que resavam, e com aquelles cilicios, e outras penitencias, se mostravam virtuosos para os terem por bons, sendo perversos e depravados; por cujo respeito tinham no inferno as insignias com que o grangearam, podendo ser instrumento da sua salvação, e que o principe a quem adoravam era o grande Lucifer, o qual lhes dizia:

Castiga-te meu poder
Sem ninguem poder livrar-te,
Pois te quizeste perder,
Ninguem poderá salvar-te.

N'outra parte se representaram a Peralta muitos homens em grandes porfias, tendo nas mãos compassos, quadrantes e espheras, insignias que os manifestavam por astrologos. Uns defendiam que não havia mais que o ceo empyreo, e que no convexo d'elle estavam as estrellas e os mais corpos celestes; outros negavam a esphera do fogo, alguns contradiziam esta opinião; e sobre isto havia taes gritarias, que o mesmo inferno se assombrava de os ouvir. N'estas porfias vieram a descompor-se de tal maneira, que atiravam uns aos outros com os globos celestes e terrestres, astrolabios, bruxulas, diopetros, cilindros, pantometros, etc. fazendo tal revolta, que um diabo, que os acompanhava, lhes disse:

— Maldita gente! Quem vos mette a querer testimunhar o que não vistes, e a tróxe móxe dizer taes disparates? Que astrologia, ou que sciencia é a vossa, pois vos não livrastes de vir argumentar sobre ella n'este abysmo! Por vida do senhor Lucifer, que se mais algum falla palavra, hei de tapar a bocca a cada um com seu demonio que o martyrise. Deixem estar o ceo, as estrellas, o sol e a lua em suas espheras, e não se mettam no que não sabem, nem d'este abysmo se póde considerar.

Calaram-se todos!

Em outra parte appareceu grande numero de mancebos esmerados em todo o aceio, vestidos á moda, com calções justos, meias de gloria, sapatos acolherados, com sua forquinha e saltos de palmo, as cabelleiras bem talhadas, e muito polvilhadas, dando muitas vezes á cabeça, a ver se descobriam nas janellas alguma dama para exercitarem os escandalosos rompantes de que usam, até nos templos, com mais devassidão e toleima, ludibriando o culto divino com muitos risos e escarneos, fazendo mais capricho da vaidade e namoro que da oração. Detraz d'estes estavam muitos demonios enfarruscando-lhes os vestidos e sujando-lhes as meias, pondo-lhes fogo ás cabelleiras, e chegando-lhes tições aos narizes, com o que desatinavam e faziam grandes clamores e gritarias, rogando aos demonios, que antes lhes fizessem outros males que sujar-lhes os vestidos, porque na limpeza d'elles estava o remedio de seus enganos. Mas os diabos não pararam n'este meleficio, porque depois de os ennodoarem, com tesoiras ardentes lhes entraram a tirar as guedelhas e a queimar as bigodeiras, com o que elles faziam taes extremos de sentimento que pareciam doidos, e os demonios dando-lhes váias, entoavam este epigramma.

Vossa perversa maldade
Aqui d'onde parar veio,
Fez a limpeza e aceio
Converter-se em sujidade.

Perguntou Peralta ao seu interprete da mão furada, que gente era aquella? Respondeu-lhe: Que eram janotas, que sem eira nem beira ostentavam aquelle luxo, para com elle passarem praça do que não eram, e enganarem o mundo; e em pena d'isto se lhes fazia o referido, que elles sentiam mais que qualquer menor tormento.

Não tinha acabado bem Peralta de se admirar d'esta representação, quando viu que vinham correndo muitas pessoas vestidas de comprido, com barretes e badamecos, e com ellas outros tantos demonios dizendo-lhes:

— Vão-se com todos os de cavallo de nosso inferno, a ser demonios do mundo, como eram, que não queremos cá tal gente, para que se não levantem com o nosso imperio, e usem dos seus embustes e travessuras. E sobre *não havemos de ir, havemos de ir*, foi tão grande a revolta que acudiu o diabinho, vendo que eram estudantes, e os expulsou dizendo:

— Á paz, á paz, cavalheiros, amigos somos todos; estes senhores foram meus companheiros em executar maldades; vossas diabruras hão de me fazer mercê de lhes dar gasalhado, pelo merecerem, accrescentando, que onde estão estudantes são os demonios escusados.

Comtudo foram admittidos, por intercessão do interlocutor infernal, o fradinho da mão furada. Por isso se diz que até no inferno é bom ter amigos.

Enlevado estava Peralta na dita representação, quando por uma rua infernal viu passar grande numero de coches e liteiras, do que mui admirado disse ao diabinho:

— É possivel que tambem no inferno se ande de carruagem?

Disse-lhe o fradinho:

— D'aquillo ha infinito numero, porque n'ellas penavam aquelles a quem os coches e liteiras haviam trazido ao inferno por seus maleficios.

Ao que Peralta replicou, dizendo:

— Como podiam os coches e liteiras ser causa da sua condemnação, se ella pendia dos seus insultos e maus procedimentos?

Respondeu o diabinho:

— Pois elles e ellas os originaram: porque em se vendo em coche ou liteira, quaesquer d'aquelles vão mui soberbos, desprezando a humildade, imaginando-se sobre as estrellas, cuidando que na carruagem caminham para o ceo, vangloriando-se d'aquella ostentação, e por lhes não faltar para ella o preciso, deixam de favorecer os pobres e de pagar o alheio; por isso digo bem, que nos coches e liteiras penam aqui no inferno.

A isto replicou Peralta:

— São pragas tuas; porque muitos fidalgos e grandes senhores conheci eu, em carruagens, coches e liteiras, muito caritativos, benignos, e ajustados com a razão.

— Não nego, disse o diabinho, que ha bons e maus, e os que merecem o nome de bons são aquelles cujas obras se conformam com a antiga nobreza de seu sangue; porém aquelles que entram em o noviciado da fidalguia, e cuidam que na inchação e soberba consiste a sua prosapia e respeito, todos se perdem, sem que minhas tentações os obriguem.

A isto ia Peralta responder, quando ouviu muitos demonios que seguiam as ditas carruagens gritarem aos cocheiros, *pára! pára!* e elles fazendo-se moucos ás vozes diabolicas, eram detidos por outros demonios que lhes saíam adiante, e a quem foi forçoso obedecer. Parados que foram, disseram os demonios aos «encochados e liteirados»

—Vossas mercês, senhores galantes, cuidam que n'essas carruagens vem passear no inferno; pois estão enganados, a pé já, já, que lhes queremos dar os tormentos que merecem.

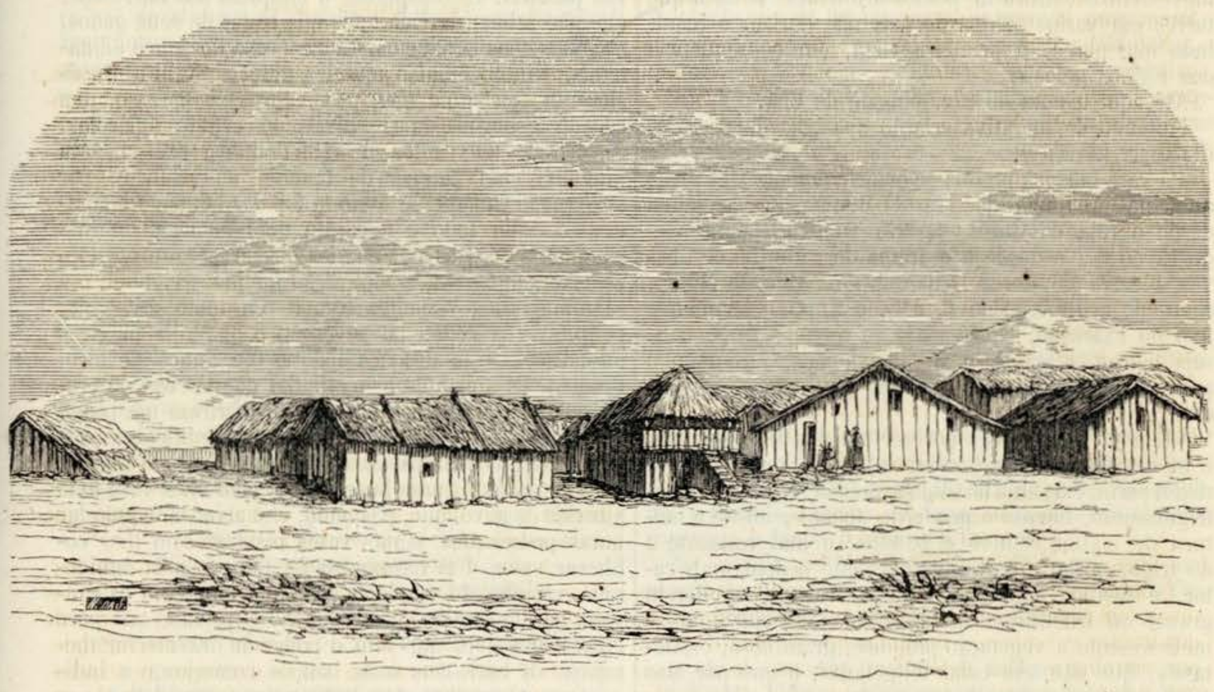
A isto lhes responderam:

— Que aquelle termo éra mui descortez e indigno de suas qualidades; que se fossem embora, que elles não se haviam de apear.

E n'isto houve uma revolta tão infernal, que indignados os diabos, pozeram fogo aos coches e liteiras, em que se abrazaram os que vinham dentro, sem que para isso fosse bastante os lastimosos gemidos e horriveis suspiros com que dentro repetiam este resentido quarteto:

> Estes coches e liteiras
> Deram comnosco através,
> Porque as vanglorias do mundo
> N'isto sempre a parar vem.

(Continúa)



Alturas de Barroso — Desenho de Nogueira da Silva, segundo um esboço de Lopes Mendes

A estampa que hoje apresentâmos é de mesquinha vista para os olhos, mas de admiravel contemplação para o espirito, considerando-se que n'um terreno quasi siberico, poz o Creador o solar da mais preciosa e abundante raça bovina que ha em Portugal, e talvez nas Hespanhas.

Um estudo technico e consciencioso do distincto lente de veterinaria no instituto agricola de Lisboa, o sr. Silvestre Bernardo Lima, publicado no *Archivo Rural* [1], nos deu bem a conhecer o valor do gado de Barroso.

Esta memoria do sr. Lima está escripta com tanto saber, e em linguagem tão rigorosa, chã e verdadeiramente agraria, que deleita a quantos se comprazem na abundancia, propriedade e figuração do nosso idioma.

Pedimos a todos os que ainda não leram aquella memoria, que a percorram sequer, para ficarem sabendo quão pittoresca e louçã é a linguagem da tão mal avaliada, e quasi desconhecida, provincia de Traz-os-Montes.

Para illustração da nossa estampa, apenas transcreveremos de um dos capitulos do sr. Lima, a seguinte nota que o auctor declara ter recebido do rev. abbade de S. Vicente de Chã; e um trecho em que o douto professor nos dá uma clara idéa da constituição geologica das terras de Barroso.

«Ainda que na denominação de terras de Barroso, se comprehendam todas as que hoje constituem os dois concelhos de Mont'Alegre e Boticas, comtudo, não fallaremos aqui da bacia que fórma o rio Terva, nem das povoações situadas na margem direita do Tamega, que, pela sua temperatura e situação, são fecundas a todos os respeitos, mais que o resto da comarca.

Ha uma differença sensivel de clima e producções nas diversas terras dos dois concelhos; ao sul, junto ao Mestras, confluente do Tamega, e ao oeste junto ao Cávado, ha melhores e mais abundantes producções, temperatura mais benigna que no resto, e mesmo mais no centro que no norte (excepto Alturas). A total ausencia da oliveira e da videira no alto Barroso, os continuos gelos no inverno, um vento norte frio e penetrante em muitos dias do anno, grossas camadas de neve, tudo mostra ao observador que o paiz, pouco favorecido da natureza, não é apto para toda a cultura, antes em muitos pontos offerece mui séria resistencia áquelles aperfeiçoamentos que outro qualquer paiz acolheria com reconhecida utilidade. A geada quasi sempre constante em tres estações do

[1] Vol. I pag. 610 e 628, vol. II pag. 6, 36, 62, 87, 141, 258, 320.

anno, e ainda muitas vezes em dias menos quentes do verão, inquieta sempre os pobres lavradores, que não poucas vezes vêem que esta praga usual lhes rouba o fructo de rudes e penosos trabalhos. As searas de centeio, as terras de milho, batatas, sobre tudo as existentes junto a riachos e açudes, em muitos annos perdem grande parte do seu fructo pelas geadas; é esta a causa por que a cultura do trigo não tem progredido, dando-se bem talvez em $^2/_3$ das terras de Barroso; nem o milho, que apenas outros $^1/_3$ excluiria do seu seio.

«Um dos melhores rendimentos para os lavradores de Barroso é sem duvida a criação de gado, sobre tudo vaccum, cavallar e muar. Os muitos e extensos prados naturaes, ou lameiros que ha, bem como os dilatados terrenos maninhos, muitos dos quaes offerecem boas pastagens, ajudam muito áquella numerosa criação, a qual mais cresceria, se aproveitando as aguas, accrescentassem os ditos lameiros, e promovessem a cultura de prados artificiaes; se bem que talvez em varios pontos do paiz não dariam o resultado que parece á primeira vista, em consequencia dos rigidos gelos».

Até aqui a nota do rev. abbade de Chã.

Fallando da lucrativa criação dos bois de Barroso, diz o sr. Lima:

«A raça barrosã produz-se principalmente nas terras que, na provincia de Traz-os-Montes, se estendem desde a raia da Galliza ao rio Tamega na direcção do N. ao S.; e desde a extrema do concelho de Chaves á serra de Gerez e Cabreira na raia do Minho, seguindo a direcção de E. a O. e S. a O.; terras que tem de extensão, pouco mais ou menos, de N. a S. seis legoas, e de E. a O. sete legoas, formando o paiz conhecido ha muito tempo pelo nome de Barroso.

«É notavel este paiz por ser um dos mais serranos e montanhosos da provincia, cujo sólo, granitico pela maior parte, é de uma fertilidade mediocre; e cujo clima, frigidissimo, nevoso e geadeiro, apenas admitte a cultura de algum centeio e batatas, e mal consente a do trigo, milho e outras plantas que pedem mais calor, e melhor temperança meteorica, para poderem granar ou fructificar convenientemente; ajustando-se melhormente á vegetação pratense, graminosa, espontanea, que não tem estas exigencias, e que por isso é aqui tambem a mais dominante.

«Por estas circumstancias, Barroso é uma região pascigosa bem definida, e constitue um paiz necessariamente pecuario.

«Administrativamente, comprehende elle dois concelhos, o de Mont'Alegre e o das Boticas. É principalmente nas terras do concelho de Mont'Alegre, e nas da freguezia das Alturas, que pertence ao das Boticas, isto é, na parte mais elevada, fria e ingrata do paiz, no alto Barroso, em fim, onde a raça barrosã tem o seu centro de producção, o seu verdadeiro solar, e onde existe mais criação d'ella, pois no restante das terras do concelho das Boticas, e nomeadamente nas que formam a bacia onde corre o Terva, e nas situadas á margem direita do Tamega, o clima amenisa-se por tal sorte, que consente a producção cereal, e, em parte, a da vinha e oliveira; e sendo votados a estas culturas, são com prejuizo, se não da qualidade, da quantidade da producção pratense, e por conseguinte com prejuizo tambem da criação bovina, que é incontestavelmente mais copiosa nas terras do concelho de Mont'Alegre que nas Boticas.»

O sr. Silva Mattos teve a bondade de nos dar a respeito da rusticidade d'estes povos a seguinte noticia:

«Foi em 1857 que a commissão dos estudos agricolas do reino, composta de diversos lentes e alumnos do instituto agricola, estudou a provincia de Traz-os-Montes, e a essa epocha se deve o desenho que representa a gravura, devido ao lapis do sr. Lopes Mendes, que da mesma commissão fez parte como adjunto.

«Das diversas aldeias de Barroso póde apresentar-se como typo a das Alturas, proxima da villa das Boticas, a cujo concelho pertence. Quem vir aquellas habitações de miseravel aspecto, consistindo em casas construidas de pedra schitosa, sem nenhum cimento, mal reparadas, cobertas de colmo; e souber que o mesmo acanhado alvergue é estábulo de animaes e habitação de homens, duvidará da fabulada riqueza de Barroso. No entanto, essa riqueza existe; mas a aspereza do clima, onde as neves são frequentes, e os invernos estiradissimos, justificam esta mistura de animaes e homens em casas baixas e de colmo; e o resto, justifica-o a simpleza dos costumes barrosãos, que muito se resentem dos tempos patriarchaes.

«É incontestavel que o genero especial de vida imprime caracter, e ninguem duvida que o segundo passo no caminho da civilisação foi caracterisado pelos povos pastoris. E esta parece a simpleza dos barrosãos, que não sabem da vida mais que tratar de seus gados, e colher seus productos. Como prova do pouco adiantamento intellectual d'aquelles aldeões, vem a proposito um episódio a que, nas Alturas de Barroso, deu origem a chegada da commissão dos estudos agricolas.

«Parece que antes de 1857 nunca alli chegára ninguem com parecer de homem de sciencia, por isso quando n'aquelle anno lá foi dar comsigo a commissão, com todo o apparato de homens e de instrumentos para as necessarias observações meteorologicas e geologicas, a admiração foi indescriptivel, e a segurança dos viajantes esteve um tanto arriscada, porque os precedeu na povoação o nome de magicos ou feiticeiros, e desencantadores de minas de oiro. Desciam os viajantes a montanha dos Corvos na proximidade das Alturas, quando descobriram um jazigo de turmalina. Como não tivessem instrumentos para colher alguns exemplares que trouxessem para Lisboa, mandaram ás Alturas buscal-os, e com elles veiu uma alluvião de povo, que, pasmado, vira arrancar e guardar umas pedras que tantas vezes pisaram sem lhes conhecer valor. Um barometro foi tomado pela famigerada varinha do condão, e a cada momento esperavam ver apparecer o livro de S. Cypriano, que para elles é um livro que tem o poder de desenterrar thesoiros. Os barrosãos mais ladinos começaram a indicar aos recemchegados estas minas que havia por aquellas serras, com a mira no premio que poderiam receber; os mais piedosos, e entre estes o regedor da freguezia, offendiam-se com a presença d'estes homens terriveis, e os olhavam com olhos hostis. Em tudo se manifesta a cega opposição que o obscurantismo faz ao derramamento das luzes! Imagina elle que por direito de primogenitura não ha de ceder aos fóros da razão?

«O recebimento da commissão dos estudos agricolas nas Alturas de Barroso symbolisa o que tem succedido na lucta das idéas, durante o volver dos seculos em toda a parte do mundo.

«A commissão, intimada em tom dictatorial pelo regedor, para que saísse da povoação dentro de vinte e quatro horas, partiu no seguinte dia para a villa das Boticas, onde a auctoridade administrativa lhe prestou, de bom grado, os necessarios auxilios para continuar os trabalhos.»

## SÉ DE PORTALEGRE

(Vid. pag. 9)

III

Tem esta formosa cidade seu assento sobre um outeiro, que se estende, em suave declive, para a parte do Norte. Na crista d'este outeiro se eleva o templo

da Sé, ficando para o nascente a porta principal, em que se entra, sem descer nem subir um só degrau.

Tem tres naves, a do meio guarnecida d'um sumptuoso guarda-vento, mandado construir pelo bispo D. Manuel Tavares Coutinho e Silva [1]; estendendo-se sobre todas tres, logo á entrada, um amplo côro, e occupando ainda parte da do meio o magnifico orgão que deu o bispo D. João Mascarenhas. [2]

É sustentada a abobada, de formosas laçarias, por tres renques de columnas da ordem attica, e esclarecido o corpo da egreja por doze janellas circulares, seis de cada lado, além das da frontaria; e o cruzeiro por duas grandes janellas altas, além das do zimborio, e da capella-mór.

Tamanha diffusão de luz, reflectida em paredes dealbadas, dá ao templo um ar de garridice louçã, que mal se casa com a gravidade do logar, e com o pavor santo que, segundo o Levitico, deve inspirar. [3]

Foi, por ventura, para temperar claridade tão immoderada, que o bispo D. Rodrigo da Cunha mandou cobrir de azulejos as paredes e tecto da capella-mór [4]. Ignorâmos quem inutilisou a acertada providencia do sabio prelado, porque, ao presente, em poucos logares, e só a pequena altura do pavimento, se enxerga este ornato, aliás tão vulgar [5] em Portugal; consta, apenas, que achando-se a Sé vaga, por fallecimento do bispo D. João d'Azevedo, se mandára dealbar e ornar de molduras doiradas, e algumas tarjas pretas simulando marmore.

Tem doze capellas, quatro de frente, e quatro de cada lado. A capella-mór é a mais notavel pelo formoso retabulo que lhe mandou fazer o bispo D. Fr. Amador Arraiz, e pelos cancellos de excellente marmore; n'ella estão sepultados os bispos D. Julião d'Alva, D. Diogo Corrêa [6], D. Fr. Domingos Barata, D. Manuel Lopes Simões, e D. Pedro de Mello Brito e Alvim [7], todos em jazigo commum, á excepção de D. Julião d'Alva, que teve sepultura particular com o seguinte epitaphio:

*Aqui jaz D. Julião d'Alva,*
*primeiro Bispo desta cidade,*
*capellão-mór del Rei D. Sebastião,*
*feitura da Rainha D. Catharina*
*sua avó. Faleceo a* 13 *de Fevereiro de* 1570.

Em Villa-Franca sorprendeu a morte este prelado, que havia ordenado se lhe désse sepultura na capella-mór d'esta Sé, por haver sido sua primeira esposa, a qual enriquecêra com varios ornamentos, peças de muito valor, e grossa fazenda para suffragios por sua alma. [8]

É de elegante fabrica a capella do Santissimo, e notavel, pelos primorosos cancellos de marmore, a de S. Antonio, que lhe fica proxima; n'aquella jaz o bispo D. Alvaro Pires de Castro e Noronha [1], em sepultura rasa, com a seguinte inscripção:

*Regem, cui omnia vivunt,*
*Venite, adoremus.*

A capella de S. Pedro é a quarta da frente, e das mais ornadas, resguardando-a uma grade de ferro egual á da capella do Santissimo. Na parede do lado da Epistola está encravada uma lapide de marmore branco com moldura tambem de marmore, mas preto, tendo esta inscripção:

***Esta Capella e o Padroado della he de Margarida de Villalobos e Isabel de Oliveira, Irmãs, que a dotarão, com obrigação de hũa Missa Quotidiana, e hum anniversario cada mez, e hum officio de nove Lições no dia do falecimento de cada hũa, para sempre, obrigação que tem o Reverendo Cabido desta Santa See.***

Na parede do lado do Evangelho, no logar correspondente ao da lapide, está encravada outra com o brasão de armas, em baixo-relevo, dos Villalobos e Costas, tambem com moldura de marmore preto.

No pavimento da capella, entre as grades e os degraus do altar, estão duas campas de marmore, com brasões de armas similhantes aos da parede, e os seguintes epitaphios:

*S. de Isabel de Oliveira,*
*Que Falleceo a* 27 *de Agosto*
*de* 1635. [2]

*S. de Margarida de Villalobos,*
*Que Falleceo a* 27 *de Fevereiro*
*de* 1645. [3]

As capellas do corpo da Egreja, do lado do Evangelho, tem as invocações de Nossa Senhora da Luz, Nossa Senhora do Carmo, S. Crispim e S. Crispiniano, e Santa Catharina de Sena, cujo retabulo mandou construir o bispo D. Manuel Tavares.

Na capella de Nossa Senhora do Carmo está uma campa de marmore, com o brasão de armas dos Castellos Brancos, e a inscripção seguinte:

*Jazigo que mandou fazer Mendo Caldeira Paes de Castel-Branco, Fidalgo Cavalleiro, para quem possuir o morgado de Santa Ignez, que em Goa instituiu Nuno Vaz de Castel-Branco, Moço Fidalgo, General de Mascate e de Ormus, e Governador da India, onde morreo Veador da Real Fazenda: o qual se permutou para este Reino com as licenças reaes e pontificias. Etc.*

As capellas do lado da Epistola tem as seguintes invocações, das Chagas de Nosso Senhor Jesu Christo, S. Mauro, Nome de Jesus, e S. Jorge.

Na capella de S. Mauro está uma campa de marmore, com o brasão de armas dos Azevedos, e o seguinte epitaphio:

*Aqui jaz o Ex.mo e R.mo Snr.*
*D. Fr. João de Azevedo*
*Da Ordem de S. Bento de Aviz*
*Bispo que foi deste Bispado de Portalegre &.*
*Faleceo aos* 11 *de Novembro de* 1765.

Muitas campas sepulchraes, carregadas de brasões diversos, lageam o pavimento das tres naves do templo; acham-se, porém, na maior parte, já inintelligiveis os seus epitaphios.

[1] Foi lente da faculdade de Canones na Universidade de Coimbra, freire conventual da Ordem de S. Thiago da Espada, reitor do collegio dos Militares, e conego da Sé da Guarda. Foi sagrado bispo de Portalegre a 13 de setembro de 1778, tomou posse a 27, fez a sua entrada a 30 de novembro do dito anno. Prelado generoso, deu á sua Sé ricos paramentos, e banquetas de prata; concluiu o claustro principiado por seu predecessor D. Alvaro Pires de Castro; fez a casa do cabido; ampliou o paço episcopal, e o seminario; edificou casa propria para o cartorio da Camara Ecclesiastica, etc. Falleceu a 7 de abril de 1798.

[2] Foi filho de D. Vasco Mascarenhas, I conde de Obidos, conego e arcediago da Sé de Lisboa, deputado da Inquisição d'esta corte, sumilher da cortina del-rei D. Pedro II, e trasladado do bispado de Portalegre para o da Guarda, onde morreu a 23 de janeiro de 1693. — *Memorias Historicas e Genealogicas dos Grandes de Portugal*, por D. Antonio Caetano de Sousa, pag. 430.

[3] *Pavete ad sanctuarium meum. Levit.* cap. XXVI, VII.

[4] *Relação dos Senhores Bispos de Portalegre*, pag. 54 v. nas *Constituições Synodaes do Bispado*, etc.

[5] *Les Arts en Portugal*, etc. par le comte A Raczynski, pag. 427.

[6] Era sobrinho do veneravel arcebispo de Braga, D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, vid. *Sousa, Vida do Arcebispo*, Liv. III cap. XXVI, e *Relação cit.*

[7] Nasceu na *Quinta das Varandas*, junto a Coimbra, na mesma casa onde nasceu o actual visconde de Gouvêa.

[8] Tambem os tem, annualmente, aos quatro de novembro, a Rainha D. Catharina, por haver feito mercê de muitas reliquias, paramentos, e outras alfaias preciosas a esta Sé, em cumprimento do *Estatuto* XXII.

[1] Foi segundo filho de D. Luiz Alvares de Castro Attaide Noronha e Sousa, segundo marquez de Cascaes. Nasceu a 26 de abril de 1669, e falleceu a 27 de Março de 1737. Edificou o magnifico sanctuario do *Senhor do Bom Fim*, e principiou a sumptuosa obra do claustro da Sé.

[2] Fica do lado da Epistola.

[3] Fica do lado do Evangelho.

Ha, todavia, ao cimo da nave lateral direita, uma campa de formoso marmore, que dá nos olhos, pelo primoroso brasão de armas. Cobre os restos mortaes de um nobilissimo cavalleiro, que se finou longe da patria, mas fiel a Deus, e ao seu Rei, então proscripto como elle.

Tem o seguinte epitaphio:

*Aqui jaz*
*o Ex.^mo*
*Carlos Gabriel Hillario*
*Dorsac*
*Marquez de Ternai*
*Brigadeiro dos Exercitos de S. M. F.*
*Nasceo no Palacio de Ternai a* III *de julho de* MDCCLXXI
*Morreo a* IX *de julho de* MDCCCXIII
*Fiel a Deos e ao seu Rei.*

R. DE GUSMÃO.

## O LHAMA DO PERU

Naturalistas e agricultores estão actualmente debatendo uma questão mixta de historia natural e de economia politica. É a possibilidade de aclimar na Europa estes ruminantes, que dão melhor lã e mais carne que o carneiro.

Em 1765, Buffon, descrevendo os lhamas, que elle incluiu na classe dos camelos, disse: «É minha opinião que estes animaes aclimados na Europa, hão de nos enriquecer mais que todo o metal da America.» Tão auctorisado voto influiu o marquez de Nesle a tentar esta aclimação em França, coadjuvado por Beliardy e Bixon. Não vingou a tentativa. Luiz XVI em 1792 enviou expressamente á America um naturalista para este effeito; e a imperatriz Josephina chegou a ter lhamas no parque de Malmaison.



Lhama do Perú

Finalmente, Isidoro Geoffroy Saint-Hilaire, no excellente relatorio que fez sobre a naturalisação do lhama em França, aclarou bem a preciosa utilidade, e as incalculaveis vantagens que o governo conseguiria da propagação d'esta especie no paiz. Foi por intervenção do mesmo naturalista que, em 1849, M. Lanjuinais, então ministro da agricultura, mandou comprar um magnifico rebanho de lhamas nascidos na Hollanda.

Ainda d'esta vez não vingou a tentativa, porque este rebanho, posto nos parques do instituto agronomico de Versailles, não deu o resultado que Saint-Hilaire presumíra. Agora, porém, tratou-se de propagar os lhamas nos Pyreneos, nos Alpes, no Jura, nas montanhas do Auvergne, e sobre tudo na Algeria.

Na Inglaterra, a aclimação dos lhamas é já uma questão pratica de economia agricola; muitos lavradores possuem actualmente grandes rebanhos d'estes animaes, que progressivamente se vão engrandecendo pela successiva geração.

No Alémtejo e no Algarve poderiamos nós tentar a aclimação dos lhamas, que são ao mesmo tempo alimenticios e industriaes, porque dão carne para o açougue, e lã finissima para as fabricas.

O lhama tosquia-se todos os annos, e dá 8 a 10 kilogrammas de lã, mui comprida e assetinada. Tanto pela sua elasticidade como pela sua finura, esta lã possue todas as qualidades para a belleza dos tecidos. A que vem da America para a Europa custa caro, por isso os artefactos que d'ella se fazem são vendidos pelo preço dos de Cachemira.

O lhama tem ordinariamente a estatura de um cavallo de marca menor, isto é, mede 1^m, 33 de altura, e 1^m, 60 de comprimento. São mui airosos estes animaes; tem a cabeça pequena e levantada, as orelhas curtas; a lã não é muito crespa, principalmente a do pescoço e das pernas. Ha raças que a tem do comprimento de 3 centimetros no dorso, e de 8 no peito.

A côr da lã varía segundo as especies; porém geralmente é parda, ou castanho claro. Toma e conserva toda a que se lhe der.

---

Que coisa é Deus?

Não tem definição. Quem mais o amar, mais saberá o que é.

---

Que é a morte?

É a filha do peccado; terror dos impios; sumidoiro de homens; herança do primeiro pae; somno para os cansados.

PADRE MANUEL BERNARDES.